A INOVAÇÃO NO SETOR DE SAÚDE BRASILEIRO

***Innovation Insights* | Março de 2020**

Texto produzido por João Vicente Alvarenga, Diretor de TI e Digital do Grupo Hermes Pardini e professor convidado da Fundação Dom Cabral, e por Hugo Ferreira Braga Tadeu, professor e pesquisador do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral. O objetivo desta publicação é disseminar pesquisas relevantes e em andamento, em formato executivo e aplicado, que estimulem a reflexão e o debate entre líderes das organizações públicas e privadas brasileiras. Trata-se de um texto informativo e não exaustivo. Autorizada a reprodução, desde que citada a fonte. Para mais informações acessar: www.nucleos.fdc.org.br/inovacao

Os textos publicados são de responsabilidade de seus autores. As opiniões neles expressas não representam, necessariamente, o ponto de vista da Fundação Dom Cabral.

Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral

| Equipe |

Carlos Aberto Arruda de Oliveira | Coordenação Geral

Hugo Ferreira Braga Tadeu | CRI Nacional

Ana Luiza Lara de Araújo Burcharth | CRI Minas

Ana Castro | Pesquisadora

Erika Barcellos | Pesquisadora

Heloisa Meneses | Pesquisadora

Daniel Netto | Estagiário

Letícia Amorim | Estagiária

Samara Lourencini | Estagiária

Tatiane Cordeiro | Estagiária

| Edição |

Teresa Goulart | Fundação Dom Cabral

A INOVAÇÃO NO SETOR DE SAÚDE

Vivemos um momento de crise mundial, em função dos avanços do Coronavírus e do fraco desempenho econômico. Nesse contexto, o setor de saúde vem sendo questionado em todo o mundo sobre sua lentidão na adoção de inovações tecnológicas – comparado a outras indústrias –, seja por regulação, conservadorismo ou por dogmas vigentes e até mesmo a respeito dos pacientes e seu tratamento.

Existe uma percepção setorial da necessidade de maior colaboração, visão global e integração de toda a cadeia produtiva, além da tradicional agenda de pesquisas, muito bem realizadas por universidades de ponta e laboratórios renomados. A busca por maior colaboração é altamente recomendável, considerando-se os constantes aumentos de custos em toda a cadeia do setor de saúde, com ampla possibilidade de adoção de novas tecnologias e ganhos de eficiência.

Analisando a crise do Coronavírus e suas graves consequências, percebe-se que a inovação no setor de saúde, no sentido mais amplo, vem ocorrendo de forma incremental e sem o adequado entendimento das demandas dos pacientes. Considerando os resultados financeiros das principais organizações do segmento, o atual modelo de funcionamento da cadeia produtiva da saúde é altamente questionável, no longo prazo. O caso brasileiro, em especial, aponta um setor com déficits crescentes e possiblidade de melhorias significativas. Por exemplo, ainda não temos um sistema unificado de registro dos prontuários médicos, com dados históricos dos pacientes, que possa antecipar soluções de saúde para consultas e exames. Isso gera um custo elevado para o paciente.

Além disso, o setor de saúde ainda perpetua um modelo de remuneração em "conta aberta", ou seja, não existe uma relação de cooperação e ganho mútuo na cadeia produtiva setorial. Quanto maior o lucro das operadoras, por exemplo, mais os hospitais, laboratórios e clínicas apresentam resultados financeiros inferiores. Em 2019, a inflação médica que mensura os preços dos serviços médicos hospitalares foi superior a 15%, bem acima da inflação brasileira (4,31%).

Outro dado preocupante, segundo dados da ANS (Agência Nacional de Saúde), está relacionado ao atendimento do sistema de saúde brasileiro. Apesar de ser um dos mais bem estruturados do mundo, está longe de ser considerado eficiente, justamente pela falta de integração e tecnologia, e pelo custo crescente dos prestadores de

serviços. Quais seriam, então, as oportunidades de inovação no setor de saúde?

Oportunidades

Diversos outros segmentos tradicionais vêm passando por uma revolução tecnológica, o que pode ser observado nos avanços de projetos de pesquisa e desenvolvimento (P&D), parcerias com startups, evolução dos serviços dos grandes *players* de tecnologia e demandas dos clientes por soluções mais baratas e rápidas. Esse fenômeno não é diferente no setor de saúde, com destaque para as seguintes oportunidades:

- **Práticas de gestão:** o setor demanda uma revolução na adoção de modelos de gestão, desde a formulação de modelos adequados de planejamento estratégico, acompanhamento de resultados, indicadores de desempenho e treinamento de pessoal, até as qualificações necessárias para os especialistas no atendimento médico-hospitalar. A automação dos serviços de atendimento e a consequente utilização de dados, análises estatísticas e da inteligência artificial seriam exemplos úteis.
- **Startups e parcerias para o crescimento:** dados setoriais revelam que, em 2019, o financiamento para as *healthtechs* foi superior a US$ 9 bilhões, com expectativas para os próximos anos acima de US$ 15 bilhões. O que se busca é adotar o conceito de "tecnologia de propósito geral" – a inteligência aplicada em outros setores da economia poderia ser aproveitada pelo setor de saúde para redução de custos e maior acesso à população de baixa renda. Existem hoje, no Brasil, mais de 300 startups dedicadas a resolver os problemas do setor de saúde, com foco na criação de plataformas integradas para acesso aos dados, informações e diagnósticos.
- **Relevância econômica:** especialistas afirmam que o setor de saúde poderia promover ganhos superiores a 11% do PIB mundial se fossem adotadas inovações tecnológicas, com amplas possibilidades de reinvestimento por países e empresas especializadas. No entanto, além do desafio da inovação, seria necessário um amplo debate sobre o tradicional corporativismo setorial e a ausência de cooperação e integração da cadeia produtiva da saúde.

Telemedicina

A chegada do Coronavírus nos permite no momento, a utilização de plataformas tecnológicas já disponíveis, para evitar idas a hospitais e clínicas. Com a regulamentação oficial do Conselho Federal de Medicina (CFM), mesmo que temporária, a demanda por consultas médicas virtuais vem crescendo exponencialmente. Segundo uma startup relevante do setor de saúde, o volume diário de atendimentos saltou de 300 para 7.000, apenas entre os dias 12 e 19 de março deste ano. A americana Teladoc viu seu número de chamadas virtuais aumentar em 75%, entre janeiro e março, chegando a 7.000 consultas em apenas um dia. O número de médicos que atendem via telemedicina num grande hospital de São Paulo subiu de 100 para 500 profissionais.

Esses eventos também trarão novos recursos, como parcerias com drogarias, integrando a consulta às receitas médicas ministradas, além dos serviços de *delivery*, que farão a entrega do remédio na casa do paciente.

Medicina Personalizada

Dados e informações são ativos-chave no mundo de hoje, como peças essenciais para utilização de toda a tecnologia digital disponível. Não temos *Machine Learning*, *Analytics*, IA e *Blockchain*, sem grandes volumes de dados para que possamos testar modelos e hipóteses.

São dados que, historicamente, sempre estiveram dentro dos diversos provedores de saúde, mas nunca foram compartilhados. Os pacientes não conseguiam ter um local único onde pudessem consultar todos seus dados históricos de saúde. Iniciativas para essa unificação sempre existiram, mas nunca foram praticadas em sua essência. Tecnicamente, chamamos essa necessidade de "interoperabilidade".

A Medicina Personalizada é uma nova abordagem mundial, que utiliza a genética e técnicas de genômica para identificar padrões específicos em pacientes e/ou em doenças manifestadas pelas pessoas. É o futuro do tratamento das doenças. A partir do momento em que informações clínicas e laboratoriais são agrupadas, e por meio delas é possível identificar exatamente uma doença, sua mutação e o tratamento, temos a Medicina Personalizada. Mais do que uma nova tecnologia, é uma nova abordagem clínica e terapêutica.

Todos esses dados, acrescidos do histórico do paciente e de seus fatores hereditários, são peças-chave para um tratamento mais eficiente e eficaz. Teremos, então, uma medicina *one to one* e preditiva, que permitirá o tratamento adequado, na hora correta e para o paciente certo.

Acreditamos que a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), que entra em vigor em agosto de 2020, vai colaborar para o compartilhamento de todas essas informações entre os *players* do setor de saúde, já que os dados, de forma explicita, são de propriedade do paciente e ele poderá solicitar a portabilidade a qualquer membro do sistema.

Um dos exemplos mais conhecidos de aplicação da medicina personalizada foi o da atriz norte-americana, Angelina Jolie. Um exame revelou que ela tinha mutação nos genes BRCA1 e BRCA2, o que representa 70% a 80% de chance de desenvolver câncer de mama ou ovário até os 70 anos de idade. A atriz optou pela retirada das mamas e do ovário para prevenir a doença – um exemplo de impacto na longevidade.

Como ponto de atenção e crítica seria importante também destacar:

- **A capacitação do corpo clínico:** de nada adiantará entregar ao paciente o resultado de um teste genético, se ele não for bem orientado sobre o que fazer com a informação.

- **Falta de um banco de dados com informações genéticas da população brasileira**: muitos remédios e protocolos médicos são elaborados conforme as características da população da Europa, que possui um banco de dados genéticos mais robusto. Os países desenvolvidos estabeleceram políticas para sequenciar massivamente sua população, conhecimento fundamental para antever situações importantes. Mais preditivo ainda é um teste genético, que permite conhecer a população na qual o paciente está inserido.

- **Temos ainda algumas perguntas sem respostas:** como serão tratados os dados em toda a cadeia produtiva da saúde? Quem vai analisar esses dados? Como proteger o paciente do possível uso indevido de seus dados? Como informar o paciente sobre um problema de saúde que ele poderá ter no futuro, para o qual ainda não existe tratamento ou cura? E, finalmente, quais os riscos dos testes genéticos? Lembrando os casos recentemente registrados na China, de embriões humanos supostamente modificados geneticamente.

Conclusão

Temos, portanto, um paradoxo. De um lado, os prontuários em papel, o acompanhamento presencial, as dificuldades de acesso às informações do paciente e uma baixa probabilidade de tratamento personalizado. Do outro lado, os avanços da era digital: Inteligência Artificial, uso de dados e as possibilidades da Telemedicina. O novo cenário em que vivemos reforça a urgência do setor de saúde promover transformações e inovações, buscando uma ruptura em seu modelo de atendimento ao paciente em prol de uma melhor experiência do mesmo, melhoria da saúde populacional e redução per capita do custo da saúde.

Sobre os autores:

João Vicente Alvarenga | Diretor de TI e Digital do Grupo Hermes Pardini e professor convidado da FDC.

Hugo Ferreira Braga Tadeu | Professor e pesquisador da Fundação Dom Cabral. Coordenador do Centro de Referência em Inovação Nacional, atuando no Executive MBA, MPA e em programas para executivos seniores. Especialista do WEF e ISO para práticas de inovação e transformação digital.